

Profetários de todos os países: UNI-VOSI!



# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## O POVO LEVANTA-SE EM TODO O PAÍS CONTRA A FARSA ELEITORAL E O FASCISMO em grandiosas manifestações, greves e lutas de rua!

As lutas políticas que a seguir se relatam, concretizadas nas mais diversas acções, grandes manifestações e choques violentos das massas populares com as forças repressivas salazaristas que tentaram impedir e reprimir com uma sanha pouco vulgar a explosão do descontentamento popular contra a farsa eleitoral, são o índice dum grande amadurecimento da consciência política e do espírito revolucionário da classe operária e da juventude, que tiveram nestas jornadas uma acção heróica de vanguarda.

Nestas gloriosas jornadas em que as massas seguiram entusiasticamente as acertadas palavras de ordem do Partido, abriram-se novas e claras perspectivas para o fortalecimento do Partido e da unidade anti-fascista, capazes de fazer avançar rapidamente todo o movimento democrático e anti-fascista para novas e mais potentes acções que abrirão o caminho ao levantamento em massa da Nação para varrer do país o odiado regime salazarista.

### GRANDIOSAS MANIFESTAÇÕES EM ALMADA

As grandiosas manifestações de todo o heroico povo de Almada nos dias 11 e 14 ficarão gravadas para sempre na história da luta contra o fascismo.

Na noite do dia 10 tinham sido presos vários trabalhadores, mas isso não impediu que no dia 11, cerca das 18 horas, se concentrassem na Cova da Piedade mais de 2.000 trabalhadores que iniciaram uma manifestação a caminho de Almada, onde aí já eram uns 5.000 ou mais. Em determinada altura, deparou-se-lhes uma barreira de 15 PSP que pretenderam agredir o povo e sustar a manifestação, mas a polícia foi derrotada e forçada a fugir em debandada, com alguns deles bastante amachucados.

A irresistível manifestação prosseguiu, juntando-se a ela grande número de mulheres e até crianças. Das portas e das janelas batiam palmas e aplaudiam e todos cantavam e gritavam em coro: «Liberdade!», «Abaixo Salazar e a tirania!», «Que regressem os soldados!», «Fora Salazar!», etc.

Um segundo choque com as forças repressivas deu-se perto do «Atlético de Almada», onde mais uma vez elas foram dominadas. Quando a manifestação se aproximava da Academia Almadense surgiu grande força conjunta (PIDE, GNR, e PSP) armada de metralhadoras, mas as massas não recuaram e continuaram avançando ao grito de «Abaixo o medo!», «Não há medo!». Travou-se então, durante cerca de meia hora, longa e heroica luta, em que as massas recorriam às pedras e a tudo o que podiam para se defenderem das arremetidas da repressão e libertar, lutando com a polícia, todos os que aquela pretendia encarcerar. A manifestação e os choques com as forças repres-

sivas prolongaram-se durante cerca de duas horas.

### Um jovem operário assassinado

Impotentes para conter as massas, os oficiais fascistas deram ordem para metralhar o povo, dizendo o sub-chefe: «Matam-se uns e os outros abalam». Perante as contínuas rajadas de metralhadora, o povo, que pedia armas, mas não as (continua na 2.ª pág.)



«O terrorismo foi impotente para silenciar a Oposição e para impedir que a acção heróica das massas populares transformasse as «eleições» fascistas numa potente jornada de luta, pela liberdade e a democracia», salienta justamente o manifesto de 17 de Novembro do Secretariado do Comité Central do nosso Partido.

As grandiosas manifestações que conquistaram as ruas com a participação de dezenas de milhares de portugueses, a distribuição de cerca de 2 milhões de manifestos, a intensa agitação e o desmascaramento do fascismo através de comunicados nos jornais, a realização de dezenas de comícios, sessões públicas e assembleias, a organização de muitas Comissões eleitorais, atestam bem o heroísmo do nosso povo e a elevação da consciência e da combatividade das massas populares, em especial da classe operária e da juventude estudantil, como assinala o manifesto do Secretariado. «Elas foram uma importante vitória do nosso povo, das forças democráticas e do Partido Comunista, principal obreiro das grandiosas manifestações».

O manifesto do Secretariado depois de sublinhar que a campanha «eleitoral» fortaleceu e alargou a unidade e a acção das forças demo-

cráticas e anti-salazaristas e acentuou o profundo descrédito e isolamento do regime, quer no país quer no mundo, salienta que a «ditadura fascista atravessa a mais grave crise da sua história».

### O levantamento nacional — eis o caminho

«A toda a Nação coloca-se a pergunta: como derrubar a ditadura fascista e restabelecer as liberdades democráticas? Esta é a questão mais imediata e decisiva para as forças democráticas e anti-salazaristas».

Depois de apontar o levantamento nacional de massas como o único caminho que poderá derrubar a ditadura e estabelecer um regime democrático, o manifesto sublinha:

«Os resultados da campanha «eleitoral» confirmaram plenamente a justeza da linha política do Partido Comunista e devem ter demonstrado à grande maioria dos abstencionistas os prejuízos causados pelas suas erradas concepções. O abstencionismo, que se alia ao putchismo e nele se baseia, constitui um travão ao desenvolvimento do movimento de massas e é hoje o principal obstáculo a uma larga e efectiva unidade actuante das forças democráticas».

«O levantamento nacional não é uma tarefa que possamos decretar à medida dos nossos desejos, antes terá de ser o aproveitamento e o desenvolvimento das lutas parciais de carácter económico ou político, da utilização da acção legal e da acção clandestina, das comissões legais e dos comités ilegais, associando todas as formas de luta e de organização».

«A experiência da recente campanha «eleitoral» é a demonstração viva de que será a linha das acções de massas e não o putchismo, que conduzirão ao derrubamento do fascismo».

### Como continuar e alargar a luta

«As condições objectivas para estabelecer uma ampla unidade das forças democráticas e criar um forte movimento nacional anti-salazarista são particularmente favoráveis».

«A oposição está unida no objectivo fundamental e mais imediato de restabelecer e conquistar as

(continua na 4.ª pág.)

# O POVO LEVANTA-SE CONTRA A

## GRANDIOSAS MANIFESTAÇÕES EM ALMADA

(continuação da 1.ª pág.)  
 tinha, foi forçado a dispersar, mas um seu companheiro, o operário corticeiro Cândido Martins Capilé fora morto, assassinado por uma das rajadas do sub-chefe ou do sargento Alves.

O assassinato, a repressão, símbolos da «ordem» fascista reinante, tinham de deixar o seu rasto sanguinário na heroica manifestação do povo trabalhador de Almada. O jovem operário enfileira ao lado das centenas de mártires que deram as suas vidas pela liberdade e a independência da nossa Pátria.

Muitos populares ficaram feridos, um deles gravemente, mas diversos agentes das forças policiais ficaram inanimados e tiveram de ir para o hospital. Como disse um dos manifestantes: «*Levdámos muita porrada, mas desta vez demos muito mais*». Tal afirmação é bem a certeza de que a metralha e os assassinatos não poderão paralisar ou sustar a crescente disposição de luta das massas, como os acontecimentos posteriores vieram confirmar.

### As heróicas manifestações no dia 14

No dia 14, dia fixado para o funeral do camarada assassinado, Almada foi ocupada militarmente por grandes forças da PIDE, GNR e PSP vindas de Lisboa, Setúbal, Barreiro, Seixal, etc. Só a brigada móvel da PSP contava 200 polícias. Todas estas forças repressivas, juntamente com os carros de assalto, os jeeps, a cavalaria, as metralhadoras e granadas de mão, criaram um verdadeiro aparato de guerra com o objectivo de apavorar o povo. Mas o povo não se intimidou.

As 15 horas, hora fixada para o funeral, o largo de Cacilhas estava repleto duma multidão que transportava milhares de ramos de flores. Encontravam-se ali numerosas mulheres, crianças e delegações de trabalhadores vindos de todos os pontos da margem sul, de Lisboa, do Algarve e outras regiões. Grande

número de trabalhadores das principais empresas de Almada (Arsenal, Parry Son, Olho de Boi, etc.) cessaram o trabalho da parte da tarde e só não houve paralização total porque as gerências ameaçaram despedir os que abandonassem o trabalho.

Temendo a acção e indignação do povo, a PIDE tenta ludibriar 2 irmãos da vítima propondo-lhes que o cadáver seja sepultado em Lisboa. Tal intento é repellido e como o tempo passa e o corpo do jovem mártir não aparece (pois a PIDE roubou-o à família e enterrou-o às escondidas em Benfica), o povo protesta e clama: «*Assassinatos, assassinos, entreguem o corpo à família*».

Chegam as 16 horas e o número de pessoas aumenta continuamente. Quantas pessoas serão? É difícil calcular. Cacilhas é um mar de gente e a fila humana estende-se para Almada. Fala-se em 10 mil mas depois das 17 horas calcula-se que os manifestantes eram mais de 20 mil.

É contra essa pacífica multidão que, inesperadamente, se lança com fúria todo o aparato bélico e repressivo concentrado em Almada. Com uma bestialidade poucas vezes vista os verdugos do povo utilizam os cavalos, as coronhas das espingardas, as baionetas, as espadas. O povo, as mulheres e até as crianças, são espancados selvaticamente e os ramos de flores arrancados das mãos e espezinhados com ódio.

O povo é forçado a dispersar-se, mas volta a concentrar-se em diversos lados e protesta indignadamente. Depois das 17 horas, quando os restantes trabalhadores saíram das fábricas, todo o comércio fechou e a quase totalidade da população veio para a rua. Almada era um mar de gente. Toda a população participa nesta heróica luta. Canta-se o Hino Nacional, dão-se vivas à liberdade, à democracia, exige-se amnistia, «*abaixo Salazar*» e grita-se: «*Bandidos, assassinos, em breve pagarão*



Cândido Martins

«*De todas as sementes confiadas à terra, é o sangue derramado pelos mártires que faz levantar as mais copiosas searas*».

*todos os nossos crimes*».

As manifestações de massas desenvolvem-se e estendem-se simultaneamente por diversos lados. Quando o povo se encontra em ruas alcatroadas onde nada tem para se defender, recua e foge das forças repressivas. Mas quando chegam a locais onde há pedras (as munições das massas), as pedras que até crianças atiram chovem sobre as forças policiais, o povo desafia mesmo as forças repressivas, mas estas não aceitam o desafio. Em certa altura, na Avenida Afonso Henriques, uma das principais artérias da vila, uma multidão de 1.000 pessoas ou mais faz parar todo o trânsito e, numa comovente homenagem à memória do operário assassinado, faz ali mesmo 2 minutos de silêncio.

À noite, a luta heróica do povo continua e organizam-se, em Almada e na Cova da Piedade, duas novas manifestações com mil pessoas em cada uma delas.

A luta não terminou, ela continuará. Quando na luta pela liberdade um povo dá tais exemplos de valentia e heroísmo, a conquista da democracia não virá numa época longínqua, mas num futuro que não será longo.

## “ABAIXO O MEDO!” milhares de man

As manifestações populares que se sucederam nas ruas de Lisboa deram um cunho de grande combatividade à campanha eleitoral.

O dia 29 de Outubro foi assinalado por uma grande concentração dumas 4 mil pessoas no funeral do valoroso democrata DR. CAMARA REIS, sendo pronunciados discursos de incentivo à luta e tendo a multidão entoado o hino nacional antes de ser dispersa pela polícia. A saída do cemitério, feita sob a forma de uma manifestação com 600 jovens que descem à rua Morais Soares gritando: «*Amnistia! Liberdade!*», perante o aplauso da população que admira a sua valentia. Perlo da Praça do Chile, os piquetes da polícia dispersam a manifestação com uma violenta carga, ferindo rapazes e raparigas e levando presos dois estudantes liceais.

Porém, a brutalidade da polícia, em vez de atemorizar os estudantes, dá-lhes nova combatividade e energia em defesa dos seus colegas e das suas reivindicações. Depois de vários comícios relâmpago na cidade universitária e nos liceus, os estudantes vão entrar na tarde de 2 de Dezembro um protesto no Ministério da Educação contra a prisão e o espancamento dos seus companheiros. Encontrando o Campo de Santana ocupado por fortes contingentes policiais, os jovens desfilam às centenas em Gomes Freire reclamando liberdade e Amnistia e sentam-se na rua, fazendo parar o trânsito. Dispersos por uma carga da polícia, reagrupam-se e dirigem-se à Baixa. A meio da tarde, centenas de jovens entram nos Restauradores em massa compacta, hasteando a bandeira nacional e gritando: «*Eleições livres! Amnistia!*». Engrossada com muito povo, a manifestação sobe o Chiado e o

## MANIFESTAÇÃO DE EM CO

Em Coimbra, no Teatro Avenida onde se realizaria a sessão pública da juventude, que os fascistas proibiram à última hora, concentraram-se mais de 2 mil pessoas, jovens na sua maioria, que protestavam ruidosamente. A seguir iniciaram uma manifestação à qual aderiram muitas outras pessoas que atingiam em pouco tempo umas 3 mil, dando vivas à República, cantando o Hino Nacional e gritando: «*Democracia, sim! Salazar, não!*». Das janelas das ruas por onde passavam, a população aplaudia entusiasmadamente os manifestantes.

Quando a manifestação chegou à Baixa, as forças repressivas dispersaram-na, mas mais tarde, na praça da República, iniciou-se nova manifestação até à Portagem (Ponte), onde houve grande pancadaria entre a polícia e os manifestantes.

Pouco tempo após, num outro local do centro da cidade, a manifestação de massas recomeçou, sempre com umas 3 a 4 mil pessoas, e com ela recomeçou também de novo a pancadaria.

### Os soldados participaram nas manifestações

Em determinada altura, soldados do exército que se incorporaram nestas grandiosas manifestações tiraram os seus cinturões e, ao lado do povo e da valente juventude de Coimbra, lutaram contra as forças repressivas fascistas. Dum lado e do outro houve bastantes feridos, lavrando entre toda a população

## EM GRÂNDOLA, 500 manifestantes reclamam «Amnistia!»

Também em Grândola, onde já no dia 1 de Novembro houvera uma romagem ao cemitério, com cerca de 300 pessoas, no dia 11, umas 200 pessoas concentraram-se, às 16 horas, no cemitério, junto ao talhão dos Combatentes, onde falaram vários oradores não obstante o cemitério se encontrar cercado de forças repressivas.

Os manifestantes resistem a sair e convidaram as praças da PSP e da GNR a prestarem também homenagem às vítimas da guerra, mas verificando que a partir das 17

horas a GNR não deixava entrar muitos outros trabalhadores que vinham chegando, resolveram sair e iniciar um desfile. A vibrante manifestação, na qual se incorporaram centenas de pessoas, percorreu diversas ruas da vila e terminou na Praça da República, cantando-se o hino nacional e gritando-se em coro: «*Liberdade!*», «*Abaixo a guerra de Angola!*», «*Viva a Paz!*», «*Fora com o terror e o medo!*», etc. Muitas pessoas aplaudiam entusiasmadas e comovidas.

No dia seguinte, concentraram-se de novo cerca de 500 pessoas que gritavam em coro: «*Amnistia!*», «*Abaixo a burla eleitoral!*», etc. Um orador subiu a um banco, fazendo vibrante discurso onde afirmou que «o povo não quer ser governado por um sac... dum velho com mais de 70 anos», sendo aplau-

dido por todos que gritavam entusiasmadamente: «*Fora Salazar!*», «*Abaixo Salazar!*»

A seguir e com 2 cartazes um deles dizendo: «*Queremos eleições livres!*» — «*Amnistia!*» e o outro cartaz convidando as autoridades a solidarizarem-se, iniciaram uma nova manifestação que se dirigiu para a assembleia de voto, onde as forças repressivas formaram um cordão para impedir a aproximação do povo. Mas como este não arredava pé e continuava a manifestar-se, atiraram brutalmente com os cavalos da GNR para cima dos manifestantes que só assim dispersaram. Na tarde do mesmo dia e temendo nova manifestação, os fascistas cercaram o campo de futebol, onde se realizou um desafio, com metralhadoras apontadas de todos os lados.

### NOTA DA REDACÇÃO

Por falta de espaço ou por não quisermos ainda informações detalhadas, só no próximo número do «*Avante!*» relataremos as manifestações de massas realizadas noutras localidades.

# FARSA ELEITORAL E O FASCISMO



## LIBERDADE!

### Manifestantes nas ruas de LISBOA

grito poderoso de «Abaixo o medo!» ecoa no centro de Lisboa perante o apoio emocionado de milhares de pessoas que aplaudem nas ruas e das janelas. Finalmente, atacados por novas forças policiais, os manifestantes acabam por dispersar.

No dia seguinte, cerca de 600 jovens e trabalhadores arrancam com nova manifestação à saída do sessão democrática do Teatro da Trindade. Com a bandeira portuguesa desfraldada, a manifestação atravessa o Rossio, arrastando à sua passagem muito povo e entra na Avenida. Atacados com selvageria pelas brigadas da polícia, os manifestantes resistem a muro e empunhando cadeiras. Um agente da PIDE que prendia um jovem é derrubado a soco. Entretanto, a polícia bate indiscriminadamente e faz diversas prisões.

No dia 6 de Novembro, nova manifestação da juventude, ainda mais aguerrida que as anteriores, percorre as ruas de Lisboa. Concentrados em Marlim Moniz, centenas de

estudantes marcham para o «Diário da Manhã» arrastando consigo muito povo aos gritos de Abaixo a burla! Liberdade! Amnistia! O jornal fascista é vaiado por centenas de vozes que entoam em coro: «Fascistas! Fascistas!» e as suas montras são partidas à pedrada. Os manifestantes epuram também o jornal «A Voz» e aplaudem a «República. Uma carga brutal da polícia dispersa a manifestação entre os protestos do povo.

As corajosas manifestações da juventude e dos trabalhadores de Lisboa, cuja amplitude e energia aumentaram de dia para dia, contribuíram grandemente para transformar o clima e as perspectivas da campanha eleitoral e para lançar a manifestação nacional de protesto do dia 11 de Novembro. Pondo-se à frente das manifestações populares, os estudantes de Lisboa deram mais uma vez grandes provas de combatividade e de consciência política e conquistaram a admiração e carinho de todo o povo.

## A MANIFESTAÇÃO DO 11 DE NOVEMBRO

Convocados por dezenas de milhares de manifestos e tarjetas distribuídos por toda a cidade, na tarde de sábado milhares de manifestantes afluíram para a Avenida. Tentando impedir a todo o custo a manifestação e isolar os manifestantes, o governo organizara uma barragem policial nunca antes vista em Lisboa. Muitas centenas de polícias, equipados com capacetes e metralhadoras, guarda a cavalo e brigadas

da PIDE ocuparam a Avenida desde as 3 horas da tarde e cortavam todo o trânsito na Avenida, Restauradores e Rossio, pondo o centro da capital em estado de sítio. Enquanto se davam engarrafamentos de trânsito em todas as ruas que conduzem à Baixa, a Avenida era percorrida pelos carros-patrulha da polícia.

Corajosamente, algumas centenas de manifestantes avançam para o monumento aos mortos da grande guerra gritando: «Abaixo a burla! Amnistia! Liberdade! Paz!». Imediatamente são atacados pelos polícias das brigadas de choque que correm de metralhadoras apontadas gritando como doidos e batendo às cegas com as coronhas e os cabos dos cacetetes. Assiste-se então a uma das repressões mais brutais feitas em Lisboa: um manifestante que, já caído por terra, continua a dar vivas à Liberdade, é selvaticamente espancado até desmaiar enquanto polícias de metralhadoras apontadas impedem o povo de o socorrer; a polícia invade os átrios dos cinemas e espanca indistintamente manifestantes e espectadores que saíam da sessão; junto do cinema Tivoli são lançados gases lacrimogéneos e disparam-se tiros para o ar. Mas também por todo o lado os manifestantes enfrentam os polícias com os punhos e com pedras. No átrio do cinema S. Jorge, um grupo de estudantes ataca a soco e pontapé o famigerado capitão Batista, das brigadas móveis da PSP. No Marquês de Pombal, um polícia que espancava manifestantes é atirado pelas escadas do metropolitano. No Rossio, um núcleo de estudantes que canta o hino nacional, atacado violentamente, recebe a polícia à pedrada e alguns polícias caem feridos antes de conseguirem dispersá-los. Aos gritos dos manifestantes junta-se o buzinar ensurdecidor de centenas de automobilistas que protestam contra as brutalidades da polícia.

Só cerca das 8 horas os grupos de manifestantes acabam por ser dispersos. As esquadras estão cheias de presos e aos hospitais são levados bastantes feridos.

## VALENTE LUTA dos camponeses da Bemposta

Reagindo contra o roubo dos baldios e a expropriação de terras pelos donos da Barragem da Bemposta (Trás-os-Montes), centenas de camponeses tocaram os sinos a rebate, juntaram-se e manifestaram a sua indignação. Ante a intervenção violenta da GNR o povo reagiu, apedrejou-a, partiu os vidros dum jeep e teriu vários agentes das forças repressivas.

Rajadas de metralhadoras ordenadas pelo comandante da GNR, feriram 5 pessoas alguns deles hospitalizados com gravidade. O envio de reforços da GNR de Miranda do Douro, Mogadouro, Vimioso, Bragança, Macedo de Cavaleiros e Miranda lançou o terror na região e forçou os valentes camponeses a dispersar.

Mas a luta dos camponeses da Bemposta deve continuar unida e organizada e ter o apoio do povo das localidades e regiões vizinhas, exigindo a libertação dos 16 companheiros presos, a devolução das terras roubadas ou uma justa indemnização.

A imprensa fascista que atribuiu a «rixas antigas entre os trabalhadores da barragem» a origem da valente luta dos camponeses da re-

gião, procurou encobrir a responsabilidade do governo de Salazar e mostra, mais uma vez, que ele só defende os interesses dos monopólios (neste caso os da electricidade) e dos latifundiários.

## NO COUÇO 500 trabalhadores gritam: «ABAIXO SALAZAR!»

No Couço, que tem sido nos últimos meses flagelado pelos assaltos das brigadas da PIDE, o povo veio para a rua no dia 12 para reclamar a libertação dos seus presos e protestar contra as eleições-farsa. Uma multidão de 500 trabalhadores, sobretudo mulheres, esteve toda a manhã concentrada à porta da assembleia de voto gritando: «Traidores! Amnistia! Abaixo Salazar!» Alguns fascistas que iam votar voltavam para trás aterrorizados com a indignação popular. A GNR que viera em força de Coruche e de Santarém não interveio, mantida em respeito pela unidade e combatividade do povo.

## GREVES E MANIFESTAÇÕES em Alpiarça

Furiosos porque foi em grande parte Alpiarça que contribuiu para a apresentação das candidaturas da Oposição no distrito de Santarém, os fascistas promoveram a prisão de dezenas de democratas de Alpiarça na madrugada de 12 para 13 de Outubro. Apesar de toda a população estar recolhida, as pessoas que se aperceberam das prisões vieram para a rua protestar, chamando «bandidos e assassinos» aos agentes da PIDE que espancaram e agrediram alguns dos presos e seus familiares que resistiam a deixarem-se prender.

No mesmo dia 13, grande número de operários agrícolas e industriais fizeram greve e umas 300 pessoas concentraram-se protestando no posto da GNR e a seguir fizeram uma manifestação pelas ruas, a caminho da Câmara Municipal, onde exigiram a libertação dos presos.

No dia 14, como protesto contra as prisões houve uma greve geral de todos os trabalhadores agrícolas e industriais de Alpiarça. Na fábrica de Passas de Uva, por exemplo, onde trabalham 160 mulheres, ninguém trabalhou.

No dia 22, dezenas de pessoas concentraram-se de novo na câmara a exigir a libertação dos presos e, no dia 4 de Novembro, fez-se nova greve, contra as prisões feitas nesse mesmo dia.

A partir do dia 4 o povo de Alpiarça organizou piquetes de vigilância para impedir possíveis prisões durante a noite. Efectivamente o povo tinha razão, pois pela calada da noite, na madrugada de 14 para 15 de Novembro chegaram jeeps e carros da PIDE e da GNR para fazer 3 novas prisões. Os sinos (a que os piquetes recorreriam para

prevenir o povo foram guardados pela GNR), mas havia o recurso dos moteiros e foguetes, estes rebentaram e toda a população veio para a rua, manifestando a sua forte indignação e forçando as forças repressivas a recolherem ao quartel, onde fizeram fogo sobre os manifestantes.

Para os carros da polícia poderem partir foi necessário agredir à corronhada e a pontapé o povo que os rodeava. As 6 da manhã desse mesmo dia 3.000 pessoas concentraram-se na Câmara Municipal e de novo todo o valente proletariado de Alpiarça recorreu a uma nova greve geral, greve que os assalariados agrícolas prolongaram durante 4 dias, exigindo a libertação dos presos.

Para tentar abafar o profundo descontentamento do povo de Alpiarça, os salazaristas (alguns deles manifestam também o seu desacordo com as prisões) publicaram milhares de manifestos onde fazem as mais variadas promessas, incluindo a distribuição dos inouchês pelos camponeses sem terra.

A abnegada luta dos valorosos trabalhadores e de todo o povo de Alpiarça contra a repressão e pela Democracia, constitui um belo exemplo para ser seguido em todo o país e em todos os lados onde se verificarem prisões.

Para resistir ao furioso ódio fascista e libertar os seus filhos presos, o valoroso povo de Alpiarça necessita do apoio e da solidariedade de todos os patriotas portugueses e muito especialmente das localidades e regiões próximas, organizando-se acções de protesto e de solidariedade.

## 3.000 PESSOAS

### EM SOMBRA

uma grande revolta. Os estudantes convocaram uma Assembleia Magna para analisarem estes acontecimentos.

## NA COVILHÃ

Ante a proibição da sessão pública que se realizaria no dia 6, na Covilhã, cerca de 500 pessoas iniciaram uma manifestação de protesto que caminhou para o centro da cidade. Mais de mil pessoas manifestaram-se vibrantemente durante mais de uma hora com vivas à liberdade e gritando «Abaixo fascismo!» «Viva a Liberdade!»

Durante a manifestação houve vários recontros com as forças repressivas, mas o povo atirava-lhes pedradas e não dispersava.

Só o fizeram depois daquelas terem recebido grandes reforços.

## NO BARREIRO

No dia 1 de Novembro, compareceram umas 200 pessoas no cemitério do Lavradio, onde se encontrava um grande aparato bélico e repressivo. Nessa mesma noite houve uma larga distribuição de manifestos e inscrições dizendo: abaixo o fascismo! abaixo a guerra colonial! amnistia, etc.

Nos dias 11 e 12 era enorme o aparato bélico e terrorista, em todas as principais ruas da vila do Barreiro.



# ASSEMBLEIAS DE TRABALHADORES

# AGIR CONTRA A REPRESSÃO

**A**lém da sua activa participação e da sua acção de vanguarda em todas as manifestações da Oposição contra a farsa «eleitoral», os trabalhadores realizaram por toda a parte, neste período, as suas próprias reuniões para discussão dos seus problemas e reivindicações de classe.

Assim, no Porto, realizou-se uma assembleia de 300 trabalhadores onde, além da luta pelas liberdades políticas, foi vinculada a necessidade da intensificação da luta por aumento de salários e pelas liberdades sindicais. Nesta reunião estiveram presentes delegações de trabalhadores doutros pontos do país, tais como do Minho, Lisboa, Torres Vedras, Almada, etc. No Barreiro realizou-se uma reunião de 150 trabalhadores onde, apesar do aparato policial, foi debatida a sua difícil situação económica e o carácter monopolista do regime de Salazar. Em Almada 50 trabalhadores reuniram-se e discutiram a sua participação na campanha eleitoral. Em Sacavém efectuou-se uma reunião de 100 trabalhadores onde foi também discutida a necessidade de intensificar a luta por um aumento de salários. Em Lisboa representantes das diversas comissões de trabalhadores efectuaram uma reunião onde discutiram os seus problemas tendo aprovado um manifesto com as reivindicações específicas da classe operária, tais como aumento geral de salários, liberdades sindicais, direito à greve e luta contra o desemprego. Em Castelo Branco muitos trabalhadores estiveram

presentes à sessão pública e nela foram aprovadas moções dos operários da Covilhã, Tortozendo e Cebolais de Cima, exigindo liberdades sindicais e a libertação dos presos políticos.

O reforçamento e alargamento das comissões de unidade e Juntas Patrióticas já formadas, assim como a formação de muitas outras para a intensificação de acções e lutas políticas, sindicais e reivindicativas, será a forma prática de materializar a orientação e as resoluções aprovadas naquelas reuniões. Será também a forma prática de reforçar a acção de vanguarda da classe operária na luta geral de todo o povo pelo derrubamento da camarilha salazarista.

**A** PSP, com as amigeradas «brigadas móveis» treinadas particularmente para a repressão, e a GMR, armadas até aos dentes, foram lançadas contra o povo numa desenfreada fúria repressiva. Todas as manifestações que em ritmo crescente se desenvolveram pelo país desde o dia 5 de Outubro, culminaram nas grandiosas manifestações de Lisboa, Alpiarça e Almada. Foram lutas desiguais, em que dum lado estava o aparato bélico do fascismo, cavalaria, gases lacrimogêneos, metralhadoras e do outro as pedras da calçada, as mãos desarmadas do povo, a sua coragem e o seu ódio ao fascismo. Um ódio que aumenta e se torna ecção, vencendo as últimas barreiras do medo. Enfrentando as rajadas de metralhadoras em Almada, o povo gritava: «Abaixo o medo!» Em Lisboa, lançados por terra, os jovens gritavam: «Não temos medo!» E em Grândola: «Fora com o terror e o medo!» As massas populares aprendem a enfrentar a repressão fascista. Este é um ensinamento que podemos tirar desta luta «eleitoral».

Além dos grandes embates populares

contra as forças repressivas em Almada, Alpiarça e Lisboa, muitos outros exemplos da violenta repressão salazarista e da acção das massas contra ela, se estendem por todo o país.

Em TORRES VEDRAS — 200 pessoas concentraram-se na Câmara Municipal protestando contra a prisão dum democrata, feita no dia anterior. Ante o crescente descontentamento popular e uma previsível manifestação no dia 13, concentraram-se em Torres Vedras grandes forças policiais com jeeps e metralhadoras que durante alguns dias ocuparam militarmente a vila.

Em ALJUSTREL, no dia 10 o ambiente em toda a vila era de excitação e combatividade. A polícia bem armada, patrulhava as ruas. Perito da meia noite, depois dum largo distribuição de manifestos, a polícia disparou sobre três jovens, ferindo gravemente um, António Colaço, e prendendo dois.

Nas várias sessões e assembleias realizadas durante as «eleições» o povo desmascarava os Pides e bufos presentes, expulsando-os das salas. Assim aconteceu na reunião dos trabalhadores e no colóquio das Mulheres, realizados no Porto, na sessão de Castelo Branco, e na sede da candidatura em Lisboa.

Os exemplos em Almada, Lisboa, Alpiarça, Torres Vedras, Coimbra, e várias localidades onde houve prisões, demonstram que o povo pode resistir, unido e organizado, à repressão; que pode impedir vitoriosamente a prisão de patriotas e democratas e forçar Salazar e a PIDE a recuar.

**ABAIXO A REPRESSÃO E A PIDE! LIBERTAÇÃO DE TODOS OS PRESOS ENCARCERADOS DURANTE A CAMPANHA ELEITORAL E UMA AMNISTIA QUE LIBERTE TODOS OS PRESOS POLÍTICOS E PERMITA O REGRESSO À PÁTRIA DE TODOS OS EXILADOS, É UM GRITO QUE DEVE PERCORRER TODO O PAÍS E SER ESCRITO EM TODOS OS MUROS E ESTRADAS DE PORTUGAL.**

## Cresce a luta por «AMNISTIA!»

«A permanência nas cadeias e no exílio de centenas de portugueses e portuguesas que sofrem pela manifestação das suas opiniões políticas é uma ferida que continua aberta no corpo da Nação».

É com este grito de dor e indignação que se inicia um abaixo-assinado entregue na Presidência da República no dia 10 de Novembro, subscrito por cerca de 500 pessoas e em que se reclama uma ampla amnistia para todos os presos, perseguidos e exilados políticos. Abriram esta nova representação nacional destacadas individualidades, como Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Alves Redol e vários candidatos da Oposição democrática, e continuam neste momento a recolher-se muitas centenas de assinaturas por todo o País.

Durante todo o período «eleitoral», a reclamação da Amnistia esteve sempre presente nas manifestações populares.

Numa sessão em Aveiro 500 pessoas assinaram um pedido de Amnistia que conta já com 1.000 assinaturas; na assembleia dos trabalhadores, no Porto, foi aprovada uma moção reclamando a libertação dos presos políticos. Na sessão das mulheres, no Porto, foi lido um trabalho sobre Amnistia, interrompido frequentemente com gritos de «Amnistia!» e os trabalhadores e a juventude, nas manifestações de Almada e Lisboa, embora espancados, continuaram sempre a gritar «Amnistia! Amnistia! Amnistia!»

O governo de Salazar responde a esta reclamação nacional intensificando a repressão fascista em todo o país.

Por reclamar contra a farsa eleitoral e por exigir a Amnistia, foram presos, espancados e feridos centenas e centenas de jovens estudantes, trabalhadores e honrados patriotas das mais diversas origens sociais. Em Almada, o operário corticeiro Cândido Martins foi cobardemente assassinado a tiro numa manifestação de rua contra a farsa eleitoral fascista.

Preso durante o período eleitoral, o Dr. Arlindo Vicente destacada figura da Oposição, continua encarcerado e encontra-se gravemente doente devido às brutalidades a que tem sido submetido pela PIDE. Igualmente encarcerados e

sujeitos às torturas da Pide continuam os democratas Eng. António Abreu e Manuel Cobenas.

Nas cadeias fascistas muitas dezenas de patriotas jazem há longos anos encarcerados muitos deles com as penas já terminadas e sujeitos às brutalidades dos carcereiros fascistas.

Em Peniche, por exemplo, onde, como já noticiámos se encontra gravemente doente sem a necessária assistência médica o nosso camarada Manuel Rodrigues, a situação prisional agravou-se ainda mais nos últimos tempos. As conversas dos presos com as famílias, no parlatório, tornaram-se praticamente impossíveis devido às contínuas interrupções dos guardas. Os presos foram arbitrariamente privados de receber jornais durante o período «eleitoral» ficando assim em completo isolamento e os carcereiros preparam-se para lhes impôr trabalhos forçados.

O dirigente nacionalista angolano, Dr. Agostinho Neto, após ter estado deportado em Cabo Verde, onde lhes foram movidas toda a sorte de perseguições, encontra-se de novo encarcerado do Aljube onde a PIDE se prepara para lhe forjar um novo processo de modo a tentar «legalizar» o arbítrio da sua prisão.

Esta situação exige que por todo o país se intensifique a campanha pró-Amnistia e se multipliquem as acções de protesto contra a repressão fascista!

Aproxima-se o Natal. Façamos coincidir esta data com um grande movimento nacional pró-Amnistia a todos os presos e exilados políticos! Formemos comissões de apoio ao movimento pró-Amnistia! Recolhamos muitos milhares de assinaturas e escrevamos nos muros e estradas de Portugal a palavra

# AMNISTIA!

## O manifesto do Secretariado

(continuação da 1.ª pág.)

liberdades democráticas; unido na imperiosa urgência dum ampla Amnistia para todos os presos, perseguidos e exilados políticos; e embora subsistam divergências quanto à questão colonial, a Oposição está unida na necessidade de pôr termo à guerra de Angola e insinuar as liberdades democráticas nas colónias.

Mas é necessário — salienta o manifesto de 17 de Novembro — «orientar a acção comum no mesmo sentido, de forma a que a unidade no plano político se materialize no plano da organização e da acção. Daí a necessidade de former ao longo de todo o país uma potente organização clandestina unitária com uma profunda rede de Juntas Patrióticas (nas localidades, nas fábricas, escolas, quartéis), para o desenvolvimento das mais variadas acções no plano legal e ilegal.

Os esforços fundamentais dessa organização clandestina devem ser orientados para as acções legais de massas. Para isso há que impulsionar a formação das Comissões legais necessárias para essas acções e prosseguir a luta que se travou no período «eleitoral», alargando-a a todo o país, associando às reivindicações políticas as reivindicações económicas e específicas de cada sector social».

Depois de referir as reivindicações políticas e económicas essenciais do momento, o manifesto do secretariado saluda calorosamente a valente classe operária, a juventude, os democratas e anti-salazaristas, os soldados e oficiais que lutam contra a guerra de Angola, os comunistas e democratas encarcerados, todos os comunistas e termina apelando para todos os PORTUGUESES E PORTUGUESES!

«Intensifiquemos a luta e a coesão de todos os democratas e anti-salazaristas e reforçemos as organizações das forças democráticas, tornando assim mais próximo o dia do levantamento nacional, que será o dia do derrubamento da odiada ditadura fascista de Salazar, o dia da instauração das liberdades democráticas».

## OIÇA A RÁDIO!

MOSCOVO: Diariamente, em português, das 19,30 às 20 e das 21 às 21,30 horas pelas ondas de 25,31,31 e 49 e 25,31 e 31 m. respectivamente

PRAGA: Diariamente, em português, das 19 às 19,30 h. e das 23,30 às 24 h. em 16,19 e 25 metros; e em ondas médias, em 233 metros.

## O POVO BOICOTOU a farsa da votação

**N**otícias incompletas até agora chegadas de alguns pontos do País confirmam que a palavra de ordem do nosso Partido e das outras forças democráticas para boicotar a farsa da votação foi seguida em massa pelo Povo que assim exprimiu a sua indignação contra as infâmias do governo de Salazar. Assembleias do voto desertaram e rodeadas por fortes contingentes policiais dão a imagem do fracasso estrondoso da manobra eleitoral fascista, o maior revés «eleitoral» até hoje sofrido pelo governo de Salazar.

Em LISBOA, grupos de polícias armados à paisana concentraram-se à porta das assembleias do voto onde entravam de vez em quando funcionários públicos, freiras e oficiais do exército. O liceu Camões, às 11 horas de manhã, estava quase vazio. Em Alvalade, durante uma parte da manhã, foram contados 16 votantes. Em Caneças votaram os todo 16 pessoas!

Em ALMADA E COVA DA PIEDADE, a farsa da votação decorreu no meio da guarda a cavalo, dos jeeps e metralhadoras e sob um coro de protestos de centenas de trabalhadores que se concentraram à porta das assembleias do voto, obrigando a fugir alguns fascistas. Calcula-se que o total de votos entrados tenha sido de 50 a 100 numa população superior a 20.000 pessoas!

Em ALPIARÇA votaram, não 35%, dos eleitores inscritos como disseram os fascistas, mas somente uns 3%. Em muitas outras localidades, os votantes contaram-se pelos dedos.

As percentagens de votos anunciadas pelo governo fascista são mais do que nunca mentirosas. Entre 9 milhões de portugueses, algumas dezenas de milhares de votos foi tudo o que o governo de Salazar conseguiu arrabatar por meio da burla, da coacção e da violência. O boicote popular às «eleições» constituiu uma grande vitória política do Partido Comunista, das forças democráticas, de todo o Povo português, e põe ao claro que o governo fascista está isolado irremediavelmente perante o País, como se impõe alargar a luta popular e caminhar para o levantamento nacional.